

Bem Aventurada

MARIA-ANNA SALA

Das Irmãs Marcelinas

Edições Marcelinas

nova edição
Irmã Ivania Vassali
Terceira edição
Milão – Outubro 2020

Introdução

«Passou um grande e forte vento que fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava no vento. Acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo ouviu-se uma voz calma e suave. E Deus estava naquela voz doce e suave». (cfr. I Re, 19, 11-13).

O estilo de santidade de Ir. Maria Anna Sala nos sugere aquela voz calma e serena, na qual Deus estava presente.

Para atingirmos tais alturas, para nos elevarmos a um alto nível espiritual, devemos começar pelos fundamentos da humildade. E, com humildade e confiança, irmos a Deus, que tudo pode! Eis a mensagem que Ir. Maria Anna Sala nos transmite com sua vida: um hino a Deus, uma oração contínua e um mergulho no mistério de Cristo que conheceu a humildade do sepulcro; um caminhar confiante, na certeza de ser amada por Deus, enquanto todo o seu ser era possuído pelo Amor e cantava ao Amor.

Ir. Maria Anna deu o máximo de si, na observância religiosa e no apostolado, com um incomparável espírito de sacrifício, fazendo brilhar, porém sempre escondida, todos os dons da inteligência com que o Senhor a dotara, tornando-se educadora de valor. Às alunas, ela deu não só a ciência necessária, num tempo em que a mulher se conservava afastada da cultura, mas deu também a sabedoria e o temor de Deus.

Sem ostensiva tomada de partido, trabalhou sabiamente pela promoção da mulher, procurando dar-lhe uma cultura adequada e uma piedade baseada em seguros conhecimentos teológicos.

Entre as alunas que deram testemunho dela, houve uma, Giuditta Alghisi, depois Montini, que foi a mãe de Paulo VI.

Isto nos faz pensar no trabalho silencioso, porém grande, que as santas mães tiveram na formação de seus filhos. Ao lado das mães, as educadoras.

Card. Pietro Palazzini
(Prefeito da S. Congregação para a causa dos Santos)

Quem é?



E. Manfrini – estátua da bem aventurada
Maria Anna Sala

Quem é ?
Nao conheciamos
Seu rosto,
Tao jovem,
Tao novo.
Seus olhos
nao encontraram
os nossos;
Olham longe:
Olhos de contemplativa,
Absortos no misterio.
Seus labios
nao se fecham ao sorriso,
mas parecem prontos
a abrir-se
a Palavra eterna
que nasce do dilencio
Quem é?
Uma presença,
um sinal,
uma nossa irma,
amavel e simples.

(Irmã Teresa Frova)

Oração



Senhor Deus,
Trindade Santíssima,
que na vossa infinita
misericórdia
vos comprazeis
em favorecer
com dons especiais
a Bem aventurada
Maria Anna Sala,
peço-vos,
humildemente,
se for para vossa
glória, fazer-me
conhecer o quanto
ela vos é cara,
concedendo-me,
por sua intercessão,
a graça que agora
vos peço.

Os primeiros anos



Brivio: as margens do rio Adda

Em Brivio, antiga vila da alta Brianza, às margens do rio Adda, no território de Lecco, no dia 21 de abril de 1829, nasceu Maria Anna, a quinta de 8 filhos de Giovanni Maria Sala e Giovannina Comi.

Seu pai, homem de grande fé e trabalhador, comerciante de madeiras, possuía, no centro da cidade, uma casa cômoda, com entrada ampla, um pátio vasto e rumoroso.

Nesta casa, Maria Anna nasceu e cresceu, como seus irmãos, no afeto do lar, num clima de paz e serenidade, alicerçada na fidelidade às tradições cristãs da numerosa família bem inserida

na comunidade paroquial onde Giovanni Sala era sábio e prudente colaborador.



Brivio (Lecco). A casa dos Sala, onde nasceu Maria Anna



A placa comemorativa fixada na entrada



Brivio : a igreja paroquial

Na sua infância pura e simples, alimentou sua profunda piedade, com assíduo estudo das verdades da fé, sempre presente em sua lúcida inteligência.

Particularmente caro à devoção de Maria Anna, quando criança, foi um pequeno santuário, oratório de São Leonardo, um pouco fora da cidade, onde se venerava uma imagem de Nossa Senhora, diante da qual os moradores de Brivio levavam as suas dores, as suas lágrimas, recebendo o conforto da esperança cristã e, não raro, graças importantes.

Diante desta imagem, Maria Anna e uma de suas irmãs se prostraram numa ardente prece, num momento de grande dor para o seu coração de criança: a enfermidade da mãe.

Enquanto as crianças rezavam – como mostra um quadro votivo da família Sala – a enferma se sentiu curada, com íntima certeza de haver visto junto a si a Virgem Maria, abençoando-a.



Brivio - O oratório de São Leonardo - A Virgem amamentando o menino Jesus

Aluna das Marcelinas

Os pais Sala, conscientes de sua responsabilidade em relação aos filhos, ao mesmo tempo que, com o exemplo de sua vida os educavam a uma reta vida cristã, os preparavam também, com sabedoria e clarividência, a viver as difíceis situações da sociedade do tempo que, naquela metade do século XIX se abria às conquistas do progresso.

Chegou a Brívio a fama da recente fundação de um Instituto feminino, o das Marcelinas, aberto em Cernusco sul Naviglio, em 1838, pelo diretor espiritual do Seminário, o Servo de Deus Mons. Luigi Biraghi.



Cernusco sul Naviglio (Milão). O primeiro Colégio das Marcelinas, como se apresentava em 1838

Objetivo do Instituto : educar, à luz da fé cristã, segundo programas sólidos de ensino, sem deixar de lado as atividades domésticas, as jovens de uma burguesia que se firmava, irreversivelmente, na vida civil.

Obtendo, imediatamente, amplo consentimento, as Marcelinas abriram em 1841, um segundo Colégio em Vimercate, na baixa Brianza. Neste Colégio, Giovanni Maria Sala quis que suas filhas Maria Anna (1842), em seguida Genoveffa e Lúcia, completassem os seus estudos.

Maria Anna distinguiu-se como aluna exemplar e, em 1846, conseguiu, com ótimos resultados, o diploma de professora primária.



Vimercate (Monza - Milão). A entrada do ex-Colégio das Marcelinas

A vocação religiosa

No ativo recolhimento do Colégio, encontrou um tesouro superior àquele que os títulos de estudo lhe asseguravam : acolhera no coração o chamado de Cristo à vida consagrada, apostólica e evangelizadora, como suas educadoras, das quais admirara o zelo e a piedade, sob a orientação da Madre Marina, fervorosa colaboradora do Fundador.

Ao chamado de Cristo, Maria Anna respondeu com o seu SIM de total devotamento, tendo, porém, que esperar dois anos antes de realizar seu desejo. A saúde da mãe, os afazeres do lar, a crise econômica, motivada pela falência do pai, exigiram de Maria Anna sua presença solícita e confortadora em casa.

Sua mãe a considerava a melhor dos filhos; seu pai encontrava nela a força do perdão cristão e a coragem para retomar a própria atividade.

No dia 13 de fevereiro de 1848, Maria Anna voltou ao Colégio de Vimercate, como aspirante à vida religiosa.

Após o noviciado, por ocasião da aprovação canônica da Congregação, no dia 13 de setembro de 1852, estava entre as primeiras 24 Irmãs Marcelinas que professaram os Votos Religiosos.



Vimercate (Monza - Milão). Santuário de Nossa Senhora do Rosário, onde as primeiras 24 Marcelinas fizeram os votos religiosos

O testemunho de vida



Castelo dos duques de Saboia em Chambéry, França.

Começou, então, a vida da Irmã educadora, heróica na monótona fadiga do dia a dia, na observância regular que a levou, através de um exercício humilde e ininterrupto, das virtudes cristãs, à única e verdadeira realização da existência humana – a santidade.

O campo de seu fecundo apostolado foram os colégios de Cernusco, Milão, Via Amedei, Genova e, durante as férias de outono, Chambéry, na Savoia. Por fim Milão, na então Casa Geral de Via Quadronno.

A perfeita obediência da Irmã Maria Anna Sala não se manifestou só no acolhimento dócil dessas transferências, mas também na total dependência das Superiores e das coirmãs – **parecia haver feito voto de obediência a todas as Irmãs**, disse uma testemunha, e era disponível às alunas e aos que dela se aproximavam.

·
«**Vou já**» - é a expressão de sua vida irrevogavelmente votada ao serviço. Um “vou já” que a levava a interromper até as mais importantes de suas ocupações, até as lições escrupulosamente preparadas, que não lhe deixava espaço nem para prolongados encontros com Cristo, ardente desejo de sua alma contemplativa.

Mas, com aquele “Vou já” Irmã Maria Anna sabia estar respondendo seu “sim” amoroso a Deus, com a humildade e a pobreza de quem deu tudo.

Tinha sempre consigo o Senhor : vivia sempre da presença de Deus, como do ar que se respira.

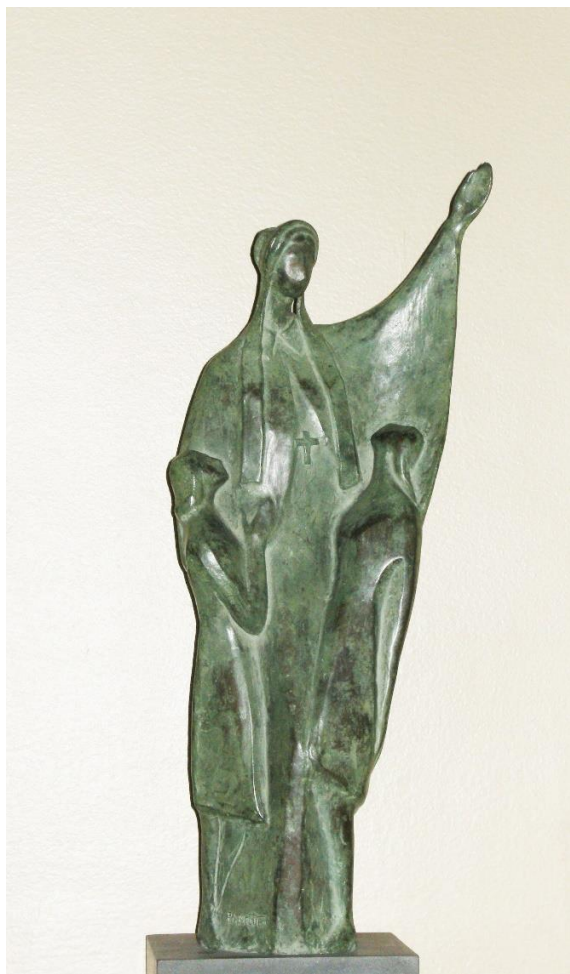
Percebiam-no também as alunas, quando ouviam em classe suas explicações, sempre marcadas por um profundo espírito de fé, que lhes atraíam a atenção e as comoviam, quando dela se aproximavam, na capela, no tempo das orações comunitárias ; quando a viam passar, solícita pelos corredores do Colégio, preocupada com suas inúmeras incumbências ou quando a viam ajoelhada, na penúmbra, ao lado da cama no último colóquio cotidiano com Jesus Crucificado.

É uma Irmã extraordinária, diziam entre si.

É **uma santa**, ousavam afirmar alguns, naturalmente, depois de lhe haver comprovado a santidade, pondo-lhe à prova a paciência, a firmeza, a mansidão, a inexaurível capacidade de compreensão, de confiança, de esperança, de amor, como

costumam fazer os adolescentes de todos os tempos com professores e educadores.

Irmã Maria Anna teve esses dons de verdadeira educadora porque foi mansa na sua forte personalidade. E dos mansos, teve a violência: a que conquista o Reino.



A. Martini - Casa Geral : estátua com as relíquias da Beata Maria Anna

Na sequela de Jesus Mestre

Podemos conhecê-la pessoalmente, não só no seu estilo de expressão, como no seu estilo de vida, através de suas cartas transparentes, conservadas por algumas correspondentes, qual precioso tesouro.

Em fevereiro de 1869, escrevia à sua irmã Genoveffa, também educadora marcelina :

Querida Genoveffa,

com a prontidão de sempre, respondo a sua cartinha que muito me agradou, como também me agradou o santo que nela você incluiu. Agradeço muito a delicadeza que teve comigo. Lamento seu resfriado; espero que tenha juízo e procure livrar-se dele logo. Sim, procure manter-se forte, pois, com saúde se cumpre melhor os deveres. Esteja sempre alegre e pense que Deus a ama verdadeiramente e ajudá-la-á mais do que pensa, a instruir e educar bem suas alunas. Não considere inútil o cansaço sem fruto imediato ; tenha paciência, que, com a ajuda de Deus, poderá ganhar muito, trabalhando na sua vinha. Quando acharmos que nosso trabalho supera nossas forças, não nos desanimemos, porque, então, teremos mais razões e quase um direito d'esperar mais auxílio de Deus. Pois, se a vontade dos Superiores é para nós a vontade de Deus, devemos admitir que é Deus quem nos coloca naquela escola, naquele ofício, etc. Deus nunca nos dará um peso superior às nossas forças ; logo, é certo que, quanto maior for a nossa insuficiência, mais abundante será também a sua ajuda, para que sua obra não fracasse.

Coragem, pois, e alegria; esforcemo-nos para cumprir nossos deveres e pensemos que Cristo há de fazer sua parte e a fará como sempre.



Irmã Genoveffa (na esquerda) e Irmã Maria Anna

Eram as convicções profundas que sustentavam sua opção existencial ; conhecia o peso do apostolado na escola, mas o amava porque ele a tornava colaboradora do Mestre Jesus.

Escrevia à aluna Angelina Panzarasa:

Sou-lhe muito grata pela linda cartinha que me escreveu. Considero-a um feliz prenúncio de que, na entrada do novo ano escolar, terei em você uma das alunas que melhor saberá tornar suave o já agradável dever de educar. É verdade que pouco valho, mas esperemos que o Senhor considere a boa vontade de me dedicar inteiramente ao seu bem e ao de todas as minhas queridas alunas (5.10.1880).

Irmã Maria Anna dedicava-se incansavelmente às suas alunas para que se tornassem não só cultas, mas também fortes na fé e em todas as virtudes cristãs, como a mulher forte, elogiada na Sagrada Escritura. E as encorajava nas dificuldades da vida:

Coragem, minha Virginia, coragem e grande confiança em Deus, que sempre vela sobre você com um olhar de Pai amoroso.

Ele nunca lhe faltará; ajudá-la-á a educar bem os queridos filhinhos que lhe confiou, qual depósito sagrado, reservando-lhe, contudo, grande prêmio pelo que deles fizer para o céu e para a sociedade. Deus a sustentará nos momentos de prova; (.....) ser-lhe-á pródigo em conceder-lhe aquelas graças que mais deseja o coração de uma boa e virtuosa mãe de família (a Virgínia Limonta, 29.7.1877).

No seu processo de beatificação uma aluna declara:

Na educação das alunas tinha como único fim formar verdadeiras cristãs que pudessem formar cristãmente as próprias famílias, difundindo o Reino de Deus.

Uma outra acrescenta:

O fim de todo o seu ensinamento era formar as alunas, para que fossem mães de família verdadeiramente cristãs.

Ir. Maria Anna tinha para com as alunas um relacionamento de grande clareza, de lealdade, de sinceridade. Por ser verdadeira, queria a verdade.

As alunas entendiam-no e nutriam por ela uma sincera afeição. Que o afeto seu por elas tivesse a força das realidades simples e autênticas, declara-o, surpreendentemente a própria Ir. Maria Anna, numa carta que podemos considerar a mais significativa de seu epistolário: a da despedida da Superiora do Colégio de Genova, depois de ter recebido a obediência que a transferia para Milão:



Milão, o Colégio de Via Quadronno - A capela onde Ir. Maria Anna rezou.

Milão, 1 de novembro de 1878

Querida Superiora Caterina,

Recebi, ontem, a notícia da minha nova destinação. Estou ainda tão confusa que não sei exprimir o que ela produziu no meu espírito. Basta, o Senhor assim o quer, ele me ajudará. E aquela santa indiferença de que falávamos, quanto me falta para conseguí-la! Envergonho-me de mim mesma. Enquanto me considerava pronta a qualquer sacrifício, na prática, a natureza ainda se ressentia vivamente.

Querida Superiora, reze por mim (...). Eu a lembrarei diariamente junto ao Senhor como único meio que me resta para

compensá-la pelas múltiplas atenções e caridade que usou para comigo, que trarei, uma por uma, escritas no coração. Quantas vezes, talvez, a desgostei, principalmente com meu caráter selvagem e seco! Peço perdão à senhora e a todas as minhas boas Irmãs pelas faltas cometidas para com todas. Cumprimente-as e diga-lhes que guardarei uma doce lembrança de todas.

E as queridas alunas? E as maiores? Oh! Se soubessem o quanto sinto a separação! Não sabia que as amava tanto! Querida Superiora, queira abraçá-las e dizer-lhes uma boa palavra por mim. Que o Senhor lhe conceda um ano verdadeiramente abençoado, para a sua consolação e das Irmãs, especialmente das que se ocuparão mais delas.

Devo terminar embora tenha muito a dizer-lhes ainda. Fica para uma outra vez.

Cumprimento-a afetosamente e, de novo, lhe agradeço (....). Recomendo-me às suas orações, para obter o auxílio no cumprimento da vontade de Deus.

Creia-me sempre afetuosa e grata.

Ir. Maria Anna Sala

P.S. – Relendo a carta, pareceu-me dar-lhe a impressão de que estou sofrendo muito. Não, sinto a separação, mas Deus me ajuda. A Madre Superiora me trata com uma bondade acima do que mereço e as Irmãs se mostram verdadeiramente Irmãs. Deus me ajude a corresponder a tudo.



Milão, o Colégio de Via Quadronno, onde viveu beata Maria Anna

Seu sofrimento

Depois da efusão, embora controlada, de seus sentimentos, o post scriptum da carta à Superiora Locatelli é, por parte de Ir. Maria Anna, como um voltar a si, para não deixar pesar sobre os outros os próprios sofrimentos.

Ir. Maria Anna era sempre assim. Somente quem a observou atentamente, e o atestou no processo, pode intuir algo de sua participação no mistério da Cruz, ao qual Cristo chama os mais fieis.



Sem dúvida foram motivos de grande sofrimento para Ir. Maria Anna as cotidianas, inevitáveis misérias humanas da vida de comunidade, vivenciadas por ela sempre com inalterável paz, como também as frequentes e incisivas repreensões da Madre

Videmari, convencida, em boa fé, de que os santos devem ser postos à prova.

Não lhe faltou o sofrimento físico. Ao menos oito anos antes da morte, quando irmã Maria Anna estava na casa de via Quadronno, em Milão, manifestou-se nela o mal que a levaria à morte: um tumor na garganta, visível externamente no pescoço.

Uma echarpe preta, usada com desenvoltura, disfarçava as aparências, enquanto **o sorriso imperturbável de seu rosto**, após crises agudas de dor, que a constringiam a interromper as aulas, fazia esquecer, a quem dela se aproximasse, o quanto havia sofrido. Aliás, numa maravilhosa superação de si, ela se habituara a chamar, jocosamente, a horrível deformação do pescoço, **seu colar de pérolas**.

Nunca revelou angústia pelo mal, nem mesmo nos últimos meses de vida.

“Eu estou bem”, escreveu a uma irmã, em 26 de julho de 1891.

Vivia o que afirmava anos antes, com a lógica dos apaixonados pelo Crucificado:

Sirvamos ao Senhor com coragem, minha boa Genoveffa, servir ao Senhor o melhor que podemos, mesmo quando Ele nos pede algum sacrifício, se assim se podem chamar as pequenas dificuldades que encontramos no caminho da virtude. Realmente, o que é aquilo que sofremos nós, diante do que, por nosso amor, sofreu nosso amado Esposo? Aliás, não deveríamos, antes, alegrar-nos e agradecer-lhe quando nos envia alguma ocasião de provar-lhe nosso amor e nossa fidelidade? Entreguemo-nos ao Senhor em tudo e por tudo, e Ele nos ajudará a nos tornarmos santos (a Ir. Genoveffa, 16-10-1874).

Santificar-se foi, para Ir. Maria Anna uma questão de verdade, de fidelidade, de coerência: era o seu compromisso de batizada e de consagrada, e o viveu com aparente naturalidade, numa tensão ascética, que se manifestou não em atitudes extraordinárias, mas no extraordinário exercício contínuo das virtudes comuns. Foi, porém, uma tensão atenuada pela alegre esperança do Paraíso.

O seu desejo do céu, no qual envolvia as alunas, parece ter-se tornado mais vivo e frequente ao pressentir o fim de sua vida.

No dia 10 de agosto de 1891 escrevia a Annunciata Crosti:

Coragem e confiança; esteja certa de que rezo realmente por você e por seus caros. Você também diga algumas palavras por mim à Virgem, especialmente nestes dias em que nos preparamos para a bela solenidade da Assunção. Sursum corda! Minha querida, sursum corda! Nunca é demais o que se faz para ganhar o céu.

No outono de 1891, Ir. Maria Anna retomara suas numerosas e empenhativas atividades e o ensino nas classes maiores. Mas, após os primeiros dias de aula, foi obrigada a interromper o trabalho e recolher-se na enfermaria do colégio. A doença venceu sua resistência física e moral. Passou quinze dias de sofrimento atroz.

Aos 24 de novembro, enquanto as co-irmãs rezavam na capela, a Ladainha de Nossa Senhora, ela sentiu o esplendor da invocação “Regina Virginum” e, no leito de morte, uma beleza nova resplandecia em sua fisionomia, havendo desaparecido qualquer sinal do tumor.

Irmãs, alunas, ex-alunas divulgaram a fama de sua santidade. Umas, reconhecendo nela a religiosa exemplar, na fidelíssima observância da Regra; outras, lembrando o exemplo de vida e ensinamento impregnado de fé.

O encontro casual de seus despojos intactos, em 1920, fez com que se voltasse a falar da jamais esquecida Irmã Maria Anna Sala. As ex alunas se uniram às Marcelinas para pedirem a introdução da causa de beatificação e muitas testemunharam, no processo informativo, a heroicidade de suas virtudes.



E. Manfrini – Cernusco sul Naviglio - Sarcófago da beata Maria Anna Sala

Uma testemunha singular



Giuditta Alghisi Montini, mãe do Papa Paulo VI, foi educada no colégio de via Quadronno, de 1883 a 1890, e teve como mestra, nos últimos anos de sua formação, Ir. Maria Anna Sala.

A providencial circunstância, que uniu, espiritualmente, um Papa a uma humilde irmã educadora, através da transmissão da fé, pela própria mãe, é reveladora de quanto possa ser eficaz, na Igreja de Deus, o serviço escondido e fatigoso da educação cristã.

A sua mensagem

Como disse São João Paulo II, na homilia da celebração eucarística para a sua beatificação, no dia 26 de outubro de 1980, a bem-aventurada Maria Anna Sala nos deixa três grandes ensinamentos:

A necessidade de formar e de possuir um bom temperamento, equilibrado, alegre e generoso, mesmo no humilde e escondido trabalho cotidiano.

O valor santificante do empenho e do dever, que não deixam espaço para protagonismos e evasões. O segredo da sua santidade consiste, de fato, não no cumprir obras extraordinárias, mas no viver de modo extraordinário a ordinaryidade do cotidiano, “no viver com” o Senhor Jesus e com os irmãos.

A bem aventurada Maria Anna nos ensina, além disso, a importância fundamental da obra educativa que sempre, em todo o tempo, exige alegre dedicação, corajosa paciência, seriedade na preparação, responsabilidade e sensibilidade. É deste modo, com paixão instancável, que a bem aventurada Maria Anna soube elevar as jovens a ela confiadas ao conhecimento do belo, do verdadeiro, do bem e, com o exemplo de sua vida, as conduziu a viver os valores evangélicos..

Sua intercessão

Do Hospital de Muriaé foram reconhecidas curas obtidas por intercessão de Ir. Maria Anna Sala:

Em 1930, a cura do agricultor João **Barbosa Soares**, acometido por gangrena na perna esquerda.

Em 1931, a cura de **José Januário de Matos**, também com úlcera gangrenosa progressiva em uma perna.

Em 1934, a cura de José **Modesto da Silveira**, atingido por peritonite reativa e hérnia estrangulada.

Em 1958, a cura de um menino, **Jesus Vidon Filho** acometido por bronquite capilar.

Também no Hospital Cardinal Panico de Tricase (Lecce), se recorreu à intercessão de Ir. Maria Anna Sala pela cura da pequena **Antonia Pantaleo**, internada, em 1968, em estado de choque traumático, com fraturas múltiplas no lado direito do corpo, após um acidente na estrada.

Canonicamente, com decreto de 13 de julho de 1979, foi reconhecido o **milagre da cura da Senhora Giuseppina Perasso Rampon, acometida, desde 1931, por uma gravíssima forma de peritonite.**



Cernusco sul Naviglio – Rivetta P. (1957) Beata Maria-Anna é representada com o antigo uniforme das irmãs Marcellinas (de 1866 à 1968)

Síntese cronológica da vida e do processo de Beatificação de Irmã Maria Anna Sala

- 1829**
21 de abril: Nasceu em Brivio, diocese de Milão, quinta dos oito filhos de Giovanni M. e Giovannina Comi. Foi batizada no mesmo dia, na Igreja paroquial.
- 1839**
13 de setembro: Recebeu a Santa Crisma.
- 1842-46:** É educada no colégio das Marcelinas, em Vimercate (MI), onde consegue o diploma de professora.
- 1848**
13 de fevereiro: Foi acolhida como postulante no Colégio de Vimercate, para consagrar-se a Deus no apostolado educativo.
- 1849**
12 de abril: Recebe o hábito religioso e inicia o noviciado.
- 1852**
13 de setembro: Em Vimercate, por ocasião da ereção canônica do Instituto, celebrada pelo Arcebispo Romilli, professa publicamente os votos religiosos com as primeiras 24 Marcelinas.
- 1853-58:** É mestra do elementar e mestra de música no colégio de Cernusco sul Navigli.
- 1859:** Está no Hospital militar São Lucas, em Milão, com outras Marcelinas que assistem os feridos da IIa guerra da Independência

- 1860-68 :** É professora e vice superiora no colégio e externato de via Amedei, em Milão.
- 1865 :** Supera brilhantemente os exames de habilitação ao ensino, exigido pelo governo italiano
- 1868-78:** É vice superiora e professora no colégio aberto pelas Marcelinas em Genova-Albaro.
- 1873**
Setembr/outubro: Dirige, em Chambéry, um grupo de alunas em estudo de férias, e sustenta o projeto de Mons. Biraghi, de uma nova fundação naquela cidadezinha da Savoia.
- 1878:**
setembro/outubro: Chamada a Milão, na Casa Geral de via Quadronno, é professora das alunas maiores, assistente da Madre, conselheira e ecônoma.
- 1879**
11 de agosto: Chora a morte do venerado Fundador Mons. L. Biraghi.
- 1882:** Com o Conselho Geral assina o ato de abertura do colégio de Lecce.
- 1891**
10 de abril: Chora a morte de Madre Marina Videmari. No mês de Julho participa do Capítulo que elege Ir. Caterina Locatelli, segunda superiora geral das Marcelinas.
- 1891**
24 de novembro: Purificada pelos longos sofrimentos de um tumor na garganta, após uma breve permanência na enfermaria, morreu em conceito de santidade.

1920 29 de janeiro:	O encontro de seus despojos incorruptos pela casual abertura de seu túmulo e a cura de Irmã Melania Gulfi, pedida como "sinal" do divino querer, leva a iniciar a coleta de testemunhos sobre sua vida de santidade.
1931-38:	Desenvolve-se, em Milão, o processo ordinário para a sua beatificação.
1940 02 de maio:	O seu caixão foi transferido para a capela das Marcelinas em Cernusco.
1944 03 de dezembro:	Decreto de aprovação dos escritos.
1962-64:	Desenvolve-se em Milão o Processo apostólico para a beatificação.
1977 20 de janeiro:	Paulo VI decreta a heroicidade das virtudes de Ir. Maria Anna Sala.
1979 13 de julho:	Decreto de aprovação do milagre: a cura da senhora Rampon Perasso di Busalla (Genova)
1980 26 de outubro:	João Paulo II proclama bem aventurada Irmã Maria Anna Sala e estabelece sua festa no dia 24 de novembro.

Índice geral

Introdução.....	3
Quem é ?.....	5
Oração.....	6
Os primeiros anos.....	7
Aluna das Marcelinas.....	11
A vocação religiosa.....	13
O testemunho de vida.....	15
Na sequela de Jesus Mestre.....	19
Seu sofrimento.....	25
Uma testemunha singular	29
Uma testemunha singular	31
Sua intercessão.....	33
Síntese cronológica da vida de Irmã Maria Anna Sala.....	35

